



## MATEMÁTICA, LITERATURA E A LUTA CONTRA O MACHISMO NA ESCOLA

Glauber Carvalho da Silva<sup>1</sup>  
Agnaldo da Conceição Esquinalha<sup>2</sup>

### Resumo:

O objetivo deste trabalho é compartilhar um breve relato da implementação de uma oficina com licenciandos em Matemática sobre o uso de textos literários numa aula de matemática para fomentar a discussão sobre o machismo. Para isso, tratamos da importância de se discutir sobre gêneros e sexualidades na escola, por meio de uma educação matemática sensível às realidades em que estamos inseridos. A oficina aconteceu em dois encontros de duas horas e os participantes puderam refletir sobre o desafio de criar, nas aulas de matemática, um espaço para combater o machismo.

**Palavras-chave:** Gêneros; Educação Matemática; Literatura; Machismo; Formação Docente.

### 1. Introdução

Pode-se pensar em gênero como uma construção sociocultural fomentada pela duvidosa necessidade de padronizar os seres de acordo com seus comportamentos ou ainda pela noção preconceituosa de como esses deveriam ser. Assim, quando se discute gêneros estão sendo problematizadas as formas com que se associam ao sexo biológico determinadas expectativas sobre a forma de agir do indivíduo, o que difere do senso comum de que gênero e sexo (biológico) são a mesma coisa. Assumimos uma concepção butleriana de gênero, como destacada em Luna (2022): “o gênero é construído nas relações de poder, não só produzindo como também regulando seres corporais.” (p. 20).

Nesse momento, vale colocar que, quando se fala sobre gêneros é rápida e erroneamente associada a ideia da binaridade mulher ou homem, contrariando a possibilidade de indivíduos não se entenderem dentro dessa dicotomia, que é esmagadoramente excludente. Dessa forma, é necessário que dentro da discussão sobre gêneros sejam questionadas as concepções acerca do que é ser homem e do que é ser

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, glaubercarvalho90@gmail.com.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, agnaldo@im.ufrj.br.

mulher, para que se façam presente novas noções sobre as identidades de gêneros que atendam pessoa que não se enquadram na binariedade, e que são estão entre nós, convivendo conosco, inclusive em nossas salas de aula.

Com a imposição aos seres humanos sobre o seu gênero e sua orientação sexual – que o categoriza de acordo com a sua atração sexual – é instituído uma regra nas sociedade: todos devem ser cisgêneros e heterossexuais, isso é, devem enquadrar-se na cis-heteronormatividade. Caso contrário esses serão alvos de violências e sua existência será deslegitimada, conforme apontam os dados, de 2022, da Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA) que mostra o Brasil como o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo, há 14 anos, sendo um local repleto de violações aos direitos humanos dessas pessoas (BENEVIDES, 2023).

Esses dados, evidenciam a necessidade de uma educação voltada para quebra de preconceitos ligados às identidades de gêneros e orientações sexuais que desviam das cis-heteronormas, a fim de contribuir para um contexto social no qual todos os indivíduos tenham seus direitos de vida, liberdade e segurança respeitados, conforme lhes é assegurado pelo artigo 5º da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (BRASIL, 1988). Afinal,

A escola é um espaço ideal para o tratamento de questões polêmicas sobre a diversidade cultural e sexual, pois, além de ser um local onde as diferenças individuais são múltiplas e aparentes, é também um local onde o debate deve acontecer continuamente, com vistas à aprendizagem e à prática do pensamento crítico, promovendo entre todos os agentes escolares o convívio respeitoso e democrático. (MAIA, NAVARRO e MAIA, 2011, p.41)

Certamente, é possível apontar o machismo como uma das causas comuns das violências citadas, uma vez que esse sistema de opressão, que hierarquiza as pessoas dentro da sociedade conforme o gênero, impondo a visão do homem ser superior à mulher, é contribuinte à construção social sobre os comportamentos ligados ao ser masculino e ao ser feminino. Sendo assim, entendendo o machismo como um sistema enraizado na sociedade, encontra-se demonstração de seus ideais nas escolas, pois a comunidade escolar não está isenta das noções socioculturais (SILVA e MENDES, 2015).

Nesse sentido, esse artigo é reflexo de uma pesquisa em caráter exploratório acerca das discussões sobre gêneros na educação, em especial na Educação Matemática, uma vez que os autores entendem as aulas de matemática também como um espaço para

a discussão acerca dos gêneros, colaborando para efetivação do ambiente escolar como supracitado. Entretanto, nota-se que socialmente, como explora Mendes, Reis e Esquinca (2022), ainda há a prevalência da contraditória ideia voltada para neutralidade da Matemática. De fato, essa noção e a não dissociação das áreas da Matemática e da Educação Matemática dificultam que sejam desenvolvidas pesquisas como essa, que visam mostrar a Educação Matemática como parceira no enfrentamento dos preconceitos ligados aos gêneros.

Mesmo assim, na busca por (i) colaborar na formação de docentes que ensinam matemáticas sensíveis às questões de gêneros e, dessa forma, ajudar a garantir as salas de aula de Matemática locais confortáveis para todas as identidades de gêneros e orientações sexuais dos alunos; (ii) apresentar o papel da Educação Matemática na luta contra o machismo; (iii) desenvolver a leitura crítica nos envolvidos, os autores, por meio do “MatematiQueer: Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática” – um grupo de pesquisa e extensão interinstitucional sediado Universidade Federal do Rio de Janeiro –, ofereceu uma oficina chamada “Matemática, Literatura e a Luta Contra o Machismo na Escola” para graduandos ou formados em Licenciatura em Matemática, majoritariamente.

Com isso, esse artigo objetiva dialogar a respeito da substancialidade de discutir gêneros também por meio da Educação Matemática nas escolas e trazer informações e contribuições da oficina ofertada, a fim de incentivar novas pesquisas e atuações docentes no emergente campo dos Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática.

## **2. Discussões sobre gêneros na escola: uma questão imprescindível na atualidade**

A sociedade constrói ideias sobre feminilidades e masculinidades, procurando uma padronização do que é ser mulher e o que é ser homem (AZADINHO e MILANI, 2021). Isso se reflete para as crianças e adolescentes, por exemplo, quando os pais determinam com o que e como devem brincar, como devem ou não se vestir e afins. Obviamente, essas questões chegam na escola e, comumente, o ambiente escolar trabalha com as questões de gêneros de forma negativa, como na perpetuação e validação de ideais associados aos papéis sociais a serem desenvolvidos pelos meninos e pelas meninas.

Dessa forma, pensar em educação requer primeiro compreender as necessidades socioculturais as quais a escola está inserida, para que se possa, desse jeito, instituir

metodologias capazes de alcançar estudantes e colaborar para o seu bom convívio em sociedade, isso é, fomentando indivíduos respeitosos à pluralidade de corpos, identidades e orientações sexuais. Afinal, a escola é um local em que alunos criam relações interpessoais com a comunidade escolar, se firmando como um ambiente capaz de influenciar questões de gêneros (MAIA; NAVARRO; MAIA, 2011).

Dito isso, torna-se claro que o ambiente escolar pode ser um potencializador de discussões acerca dos gêneros, vale buscar um porquê de se trabalhar essas questões em sala de aula. Conforme assevera Silva e Paz (2021), uma educação que trate também de temas como a sexualidade é substancial para melhorias na saúde mental dos discentes, além de que, tal forma de educar é um meio a favor da diversidade e de luta contra LGBTfobia. Além disso, Paula, Silva e Paz (2021) apresentam a educação sexual como um gesto de resistência aos preconceitos destinados à chamada comunidade LGBTQ+ e uma possibilidade na formação de seres humanos que respeitam a si e o outro.

Certamente, a educação sexual é apenas um dos meios de trabalhar as questões de gêneros. É preciso entender que essas podem e devem ser discutidas no contexto escolar, e documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) oferecem respaldo para tal feito, outros podem ser encontrados na literatura especializada (REIS e ESQUINCALHA, 2022; PAULA, SILVA e PAZ, 2021; GUSE, WAISE e ESQUINCALHA, 2020; MAIA, NAVARRO e MAIA, 2011). Além disso, vale chamar atenção para a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006) que, na busca por criminalizar a violência doméstica e familiar às mulheres, também

prevê ações sociais, preventivas, protetivas e repressivas, evidenciando-se a realização de campanhas educativas, a promoção de programas educacionais que trabalhem a questão de gênero e a inclusão de conteúdos de equidade de gênero nos currículos escolares. (AZADINHO e MILANI, 2021, p. 116)

Ademais, Azadinho e Milani (2021), que se voltaram a estudar a violência doméstica contra as mulheres, apresentam a educação como uma forma de tratar preconceitos e a escola como um agente permissivo de mudanças sociais, colocando o questionamento sobre as afirmações do que se entende como comportamentos ligados às mulheres e aos homens uma necessidade no contexto escolar. Por conseguinte, fica claro que a discussão acerca de gêneros e sexualidades é substancial e que deve ser realizada nas escolas.

### 3. O papel da Educação Matemática na educação para diversidade

Nesse espaço, é importante considerarmos as colocações de Mendes, Reis e Esquincalha (2022, p. 33), que colocam a Educação Matemática como uma “(...) área multidisciplinar com demandas e objetos nascidos de contextos sociais, principalmente da sala de aula.”. Sendo assim, em consonância com a perspectiva da escola como um espaço diverso, com indivíduos plurais sobre a perspectiva de identidades de gêneros e orientações sexuais, como colocado no tópico anterior desse artigo, é válido e necessário pensar em questões de gêneros na Educação Matemática e, portanto, em formas de trazê-las para as aulas de matemática.

Esse feito, se encaixa como uma possibilidade de incitar aos alunos “uma visão crítica do mundo” (GUSE, WAISE e ESQUINCALHA, 2020, p. 10); e contraria a ideia tradicional de ensinar matemática, discutida e problematizada por Bennemann e Allevato (2012) na perspectiva de Skovsmose, que é voltada para resoluções de exercícios carregados de imperativos e colabora com a falta de criticidade nos alunos. Entretanto, enquanto imersa numa sociedade que difunde padrões machistas e LGBT+fóbicos, a Educação Matemática na esfera da pesquisa e aplicação em sala de aula, por vezes, ainda corrobora para a legitimação da cis-heteronormatividade, se firmando como uma causa às violências sobre as pessoas fora dessa norma (REIS e ESQUINCALHA, 2022).

Nesse sentido, impende colocar que pesquisas na área da Educação Matemática ainda carecem de envolvimento com questões de gêneros e sexualidades e tal carência é sustentada, muitas vezes, pela falha noção da neutralidade da Matemática (REIS e ESQUINCALHA, 2022). A disseminação dessa ideia concerne também para o amplo preconceito destinado à uma Educação Matemática que busca discutir questões sociopolíticas e propiciar, assim, alunos respeitosos à pluralidade no contexto social, como no caso explorado por Mendes, Reis e Esquincalha (2022).

Dessa forma, compreender o papel sociopolítico da Educação Matemática, voltada para uma questão crítica, que forma indivíduos com noções democráticas e questionadoras, como proposto por Bennemann e Allevato (2012), e a oficina que será discutida/explorada na próxima seção refletem em formas de contradizer a suposta neutralidade da Matemática e proporcionar o reconhecimento de pesquisas que buscam tensionar essa área com as questões de gêneros, encontrando-se com a rogativa de Reis e Esquincalha (2022). E, assim, possibilitar-se-á uma Educação Matemática que atua a favor da luta para o respeito à diversidade.

#### **4. Oficina: “Matemática, Literatura e a Luta Contra o Machismo na Escola”**

Ainda é frequente que muitos profissionais da educação ainda possuem e transmitem noções contrárias ao respeito à pluralidade de gêneros. No que se refere a Educação Matemática, não é diferente. Na pesquisa supracitada, feita por Maia, Navarro e Maia (2015), uma das professoras participantes achava que os meninos tinham mais facilidade em Matemática, ideia que foi abolida, pois a professora notou que meninas também eram boas em matemática e que alguns meninos não eram.

Contudo, isso mostra que é preciso uma interferência na formação de professores que ensinam matemática, para que noções de cunho machista, como essa, não sejam presentes no contexto escolar. Somente assim, será possível garantir a escola como um local “(...) que privilegia a constante busca pela emancipação e pela igualdade entre homens e mulheres.” (AZADINHO e MILANI, 2021, p. 112).

Afinal, como expõem Maia, Navarro e Maia (2015, p. 28), “Os valores e concepções dos professores acerca das questões de gênero são refletidos em suas práxis educativa, já que norteiam os métodos de ensino escolhidos, as relações interpessoais e os critérios de avaliação do alunado.”.

A pesquisa realizada por Guse, Waise e Esquincalha (2020) com alunos da Licenciatura em Matemática das instituições públicas do Rio de Janeiro, que teve 710 respostas, mostra que os licenciandos em Matemática requerem formações que reflitam sobre as questões de diversidade de gêneros e sexualidades, uma vez que essas não são trabalhadas nas universidades, mas representam uma demanda social e que se enquadra dentro das expectativas lançadas sobre a atuação dos futuros docentes, pelo âmbito de documentos que pensam uma educação brasileira a partir do trato das diferenças. Pensando nisso, surgiu a oficina “Matemática, Literatura e a Luta Contra o Machismo na Escola”, ofertada pelo MatematiQueer e idealizada pelos autores desse artigo.

O público-alvo eram licenciandos ou licenciados em Matemática. Para realização dessa, foi feita uma postagem no Instagram convidando interessados a se inscreverem via formulário eletrônico. A oficina teve 75 pessoas inscritas – o que mostra a necessidade de discutir tal temática, como evidenciado por Guse, Waise e Esquincalha (2020). Sendo assim, para que todos conseguissem interagir nas discussões, os inscritos foram divididos em três turmas, que participariam dos encontros em semanas diferentes. A primeira turma abarcou somente licenciandos em Matemática. A segunda e terceira turma foram

divididas conforme a disponibilidade dos interessados. Apenas resultados sobre a primeira turma serão abordados.

A proposta da oficina foi realizar dois encontros online de duas horas cada, via Google Meet. Durante os encontros seriam lidos e discutidos capítulos e poesias de cinco obras selecionadas da Literatura, das autoras Rupi Kaur, Virginia Woolf, Paulina Chiziane e Amanda Lovelace, que trazem à baila discussões questionadoras sobre gêneros e que podem ser levadas para a sala de aula; os envolvidos desenvolveriam uma proposta de atividade a ser aplicada na aula de matemática que envolvam as questões levantadas e algum conceito matemático e apresentariam elas.

No primeiro encontro notamos que os participantes possuíam dificuldades para explicarem o conceito de machismo, mas associaram a ele uma ideia que desfavorece as mulheres. Além disso, foi colocado que, enquanto cultural, o machismo não é exclusivamente acometido pelos homens e, daí, pode ser difícil para as mulheres conseguirem identificar que estão passando por uma situação machistas. Pudemos notar que os envolvidos entendem o machismo como um sistema que superioriza o masculino em detrimento do feminino.

Para mais, nesse encontro, se tornou claro que os participantes compreendem a necessidade de mostrar aos alunos que as mulheres também são cientistas, que elas ocupam e podem ocupar espaço nas ciências, e que por muito tempo elas foram silenciadas e seus conhecimentos invisibilizados. Ainda, com a discussão, notamos que discursos que colocam a mulher como ‘exagerada’ e/ou ‘dramática’ são comuns, muitas vezes para deslegitimar as violências que sofrem, assim como noções sobre suas roupas são lançadas para culpá-las por abusos e/ou assédios.

Certamente, pelas discussões feitas, os envolvidos acreditam no potencial da educação contra às violências destinadas as mulheres, eles entendem que trazer a discussão sobre abuso e/ou assédio é uma ferramenta importante para o ambiente escolar e pode colaborar para que alunos tenham um espaço seguro, que os ajudem.

No segundo encontro, algumas mulheres presentes relataram que uma mulher não precisa de um homem, no entanto, dentro do nosso contexto sociocultural atual, ter um homem ao lado delas pode emitir uma ideia de segurança, uma vez que em sua presença é mais difícil sofrerem abuso e/ou assédio de algum outro, pois eles se respeitam. A turma ainda acrescenta a necessidade de problematizar essa situação. Ademais, os envolvidos

citam que não há necessidade de uma figura masculina dentro das famílias, citando as diversas estruturas familiares, como as da chamada comunidade LGBTI+.

Tendo em vista que existem mulheres machistas e que o machismo também contribui para violências e preconceitos destinados aos homens, quando esses desoam ao padrão esperado à figura masculina, como na ideia de que homens não choram, foi levantada a importância de se trabalhar uma nova perspectiva sobre o masculino e que isso pode inferir em melhorias para o tratamento às mulheres, assim como aos homens, ajudando na construção de homens respeitosos.

Sabe-se que, uma das ideias machistas disseminadas é a do homem provedor e da mulher doméstica, do lar. Durante o segundo encontro foi possível questionar isso, procurando trazer para discussão as mulheres nas mais diversas profissões. Nesse momento, uma das mulheres presentes relata que sente culpa, às vezes, por estar estudando enquanto o marido ou outra pessoa faz as tarefas domésticas, mesmo entendendo que isso é normal, ela cita o sistema machista em que está inserida como promotor dessa culpa e que isso revela a necessidade de se pensar como tal sistema ainda afeta e a outras mulheres.

Ademais, os participantes trazem para discussão que ainda há uma censura sobre temas que mulheres podem ou não falar, muitas vezes promulgando a ideia de que as mulheres não têm opinião, não devem opinar, enquanto os homens possuem liberdade de fala sobre qualquer tema. Um dos participantes traz que não sabe definir o que é uma mulher, mostrando como precisamos combater a ideia associada sobre a figura feminina, o que se considera mulher, construída pelo machismo.

Um dos objetivos da oficina, como já mencionada, foi que os participantes desenvolvessem (em grupo) uma proposta de atividade que poderia ser aplicada numa aula de matemática que envolvesse as questões levantadas durante as discussões das leituras propostas e algum conceito matemático, eles apresentariam tal atividade. Algumas participantes alegaram sentir grande dificuldade para conseguirem associar algum conceito de matemática com as questões sobre gêneros, como trabalhar essas questões sem fugir da matemática. Essas ainda apontam que entendem a necessidade de uma matemática que abarque as discussões feitas e uma delas apontou sobre a importância de se trabalhar tais questões consigo mesma.

Para além dessas dificuldades, surgiram propostas com a exploração do tema a partir da estatística e da teoria de conjuntos como possíveis de se trabalhar essas questões. E mais, um grupo apontou a gamificação na matemática como uma possível ferramenta para construção de uma matemática voltada para trabalhar questões sociais. Assim como, promover a ideia de liderança das meninas, incentivar equipes femininas, apresentar mulheres na matemática/exatas e incentivar a não competitividade entre as meninas, foram noções levantadas. Ficou nítido que os envolvidos entendem a necessidade de romper com a estrutura tradicional de ensinar a matemática, com o objetivo de estimular a criticidade dos alunos.

## **5. Considerações finais**

Por meio deste texto buscamos apontar a urgência de discussões em Educação Matemática que abarquem questões relacionadas a gêneros e sexualidades, que fazem parte da vida de todas as pessoas e que são assuntos recorrentes também nas salas de aula de Matemática, embora usualmente ignoradas por docentes dessa disciplina. Desconstruir a ideia de que a Matemática é neutra é essencial na formação de professores sensíveis às demandas e a realidade das comunidades em que as escolas estão inseridas.

Professores que ensinam matemática precisam ter o compromisso de não permitir que essa disciplina seja mais um instrumento para validar falsas “verdades” como “meninas são menos inteligentes que meninos” ou qualquer ideia de que reforce padrões socialmente impostos. Para tanto, foi proposta a oficina “Matemática, Literatura e a Luta Contra o Machismo na Escola”, de caráter interdisciplinar, a licenciandos em Matemática com o objetivo de fomentar a discussão sobre gênero e machismo em sala de aula.

Durante a oficina foram discutidos textos literários de autoras que tratavam de situações em que o machismo e a violência contra mulheres estavam naturalizados, assim como estão no cotidiano da maioria das pessoas. Essas discussões permitiram que os participantes revissem conceitos e refletissem sobre a importância e o desafio de ensinar matemáticas sensíveis e potencialmente libertadoras, para meninas e meninos, reivindicando uma dimensão sociopolítica para a aula de matemática.

## **6. Referências**

AZADINHO, Mariana Passafaro Mársico; MILANI, Débora Raquel da Costa. Educação Sexual na perspectiva de gênero e o enfrentamento da violência doméstica contra mulheres. In: BORTOLOZZI, Ana Cláudia; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal; TEIXEIRA, Filomena; CHAGAS, Isabel; VILAÇA, Teresa; MENDES, Patrícia de Oliveira e Silva Pereira; MELO, Sonia Maria Martins de; ROSSI, Célia Regina; MARTINS, Isabel P. (Orgs.). **Questões sobre gênero: novos paradigmas e horizontes**. Bauru, SP: Gradus Editora, 2021.

BENEVIDES, Bruna G. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023.

BENNEMANN, Marcio; ALLEVATO, Norma Suely Gomes. Educação matemática crítica. **Revista de Produção Discente em Educação Matemática**, São Paulo, v.1, n.1, p. 103 – 112, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

GUSE, Hygor Batista; WAISE, Tadeu Silveira; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. O que pensam licenciandos(as) em matemática sobre sua formação para lidar com a diversidade sexual e de gênero em sala de aula?. **Revista Baiana de Educação Matemática**, v.1, p. 01 – 25, 2020.

LUNA, Jéssica Maria Oliveira de. **Dos apagamentos históricos aos feminismos plurais: narrativas de licenciandas em matemática sobre seus percursos formativos**. 2022. 175f. Tese (Doutorado em Ensino e História da Matemática e da Física), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; NAVARRO, Carolina; MAIA, Ari Fernando. Relações de gênero e escola no discurso de professoras do ensino fundamental. **Psicologia da Educação**, n.32, p. 25 – 46, 2011.

MENDES, Luísa Cardoso; REIS, Washington Santos dos; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. Por que algumas pessoas se incomodam com a pesquisa sobre gêneros e sexualidades em educação matemática?. In: ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. (Org.). **Estudos de gênero e sexualidades em educação matemática: tensionamentos e possibilidades**. Brasília, DF: SBEM Nacional, 2022.

PAULA, Anderson José de; SILVA, Glauber Carvalho da; PAZ, Letícia da Silva. Educação sexual e LGBTfobia em foco: saúde mental, direitos e gestos de resistência. In: BORTOLOZZI, Ana Cláudia; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal; TEIXEIRA, Filomena; CHAGAS, Isabel; VILAÇA, Teresa; MENDES, Patrícia de Oliveira e Silva Pereira; MELO, Sonia Maria Martins de; ROSSI, Célia Regina; MARTINS, Isabel P. (Orgs.). **Questões sobre gênero: novos paradigmas e horizontes**. Bauru, SP: Gradus Editora, 2021.

REIS, Washington Santos dos; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. Por uma virada sociopolítica: a importância da discussão sobre gêneros e sexualidades nas aulas e na pesquisa em (educação) matemática. In: ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição.

(Org.). **Estudos de gênero e sexualidades em educação matemática:** tensionamentos e possibilidades. Brasília, DF: SBEM Nacional, 2022.

SILVA, Glauber Carvalho da; PAZ, Leticia da Silva. A substancialidade da sexualidade na educação: impactos na saúde mental e transgressão da LGBTfobia. In: ARAÚJO, Márcia Moreira de; ALVES, Carlos Jordan Lapa. (Org.). **Educação:** Minorias, Práticas e Inclusão 2. Atena Editora, 2021, v.1, p. 133-143.

SILVA, Maví Consuelo. MENDES, Olenir Maria. As marcas do machismo no cotidiano escolar. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, MG. v.28, n.1, p. 90 – 99, 2015.